



FESTRIBAL DE JURUTI/PA: As multivozes da História

Antonio Márcio Ávila Almeida
Giselle Moreira do Vale
Neidiana Rosário Soares
(orgs.)

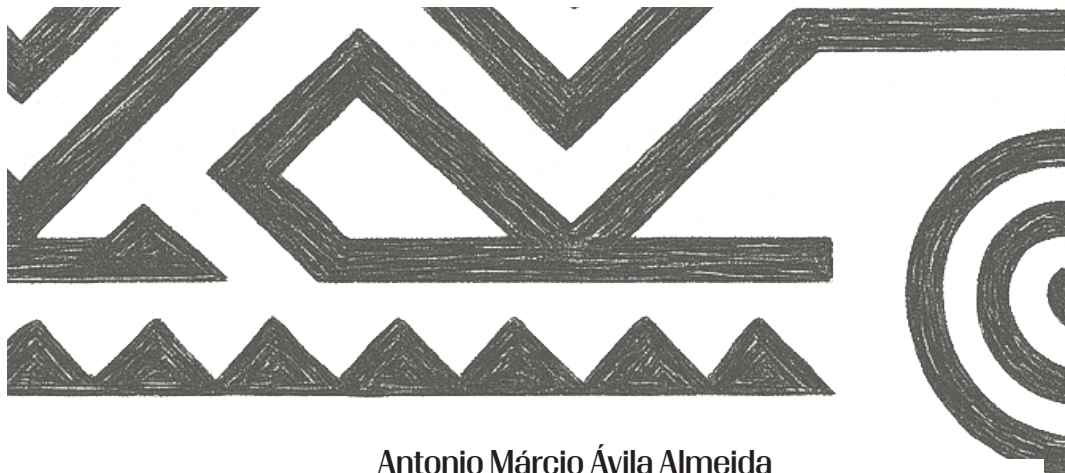


Editora
CABANA



FESTRIBAL DE JURUTI/PA: **As multivozes da História**





Antonio Márcio Ávila Almeida
Giselle Moreira do Vale
Neidiana Rosário Soares
(orgs.)

FESTRIBAL DE JURUTI/PA: **As multivozes da História**





Copyright © by Organizadores
Copyright © 2025 Editora Cabana
Copyright do texto © 2025 Os autores

Todos os direitos desta edição reservados
© Direitos autorais, 2025

O conteúdo desta obra é de exclusiva
responsabilidade de seus autores.

Edição e coordenação editorial: Ernesto Padovani Netto

Diagramação, projeto gráfico e capa: Eder Ferreira Monteiro

Imagem de capa: Eder Ferreira Monteiro. Imagem gerada com apoio de inteligência artificial (OpenAI DALL-E), com base em grafismos inspirados na cultura Munduruku e Muirapinima.

Revisão: os autores.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

F418 Festibal de Juruti PA: as multivozes da história [recurso eletrônico]/ Organização de Antonio Márcio Ávila Almeida, Giselle Moreira do Vale, Neidiana Rosário Soares. – Ananindeua-PA: Cabana, 2025.

Autores: Antonio Márcio Ávila Almeida, Giselle Moreira do Vale, Neidiana Rosário Soares, Valéria Amorim Lopes, Udirlei da Silva Andrade, José Brito, José Matheus da Silva, Yago Christian Marques Canto, Luana Stéfany de Jesus Sousa, Andrêyna Sabrine Melo Pimentel, Vinícius Gabriel Rosário Assunção, Ana Beatriz Pantoja Corrêa, Aline Farias de Moraes, Karine de Souza Cohen, Beatriz Castor Dias, Ana Kelem Batista Martins, Francilene Assunção Bentes, Victor Guimarães Coelho, Ana Cristina Castro da Costa, Anderson Castro de Sousa.

55 p., il.; 14 X 21 cm (recurso eletrônico, PDF)

ISBN 978-65-89849-95-7

1. Festas e celebrações no Juruti/PA. I. Almeida, Antonio Márcio Ávila (Organizador). II. Vale, Giselle Moreira do (Organizadora). III. Soares, Neidiana Rosário (Organizadora). IV. Título.

CDD 394.4098115

Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Índice para catálogo sistemático
I. Festas e celebrações no Juruti/PA



[2025]
EDITORA CABANA
Trav. WE 11, N.º 41 (Conj. Cidade Nova I)
67130-130 — Ananindeua — PA
Telefone: (91) 99998-2193
cabanaeditora@gmail.com
www.editoracabana.com



AGRADECIMENTOS

Universidade Federal do Oestedo Pará (Ufopa)
Pró-Reitoria de Cultura, Comunidade e Extensão (Procce)
Campus Regional de Juruti (CJur)
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e
Tecnológico (CNPQ)

COMUNIDADE DE JURUTI:

Alana Gonçalves (in memorian), Ana Márcia Cunha, Ariadne Elizabete Lima, Aryanne Lopes Diniz, Aurecília Andrade Carlinho Tribal, Daniel Costa, Dualex Amaral, Edvander Batista, Erasmo Soares, Fabiana Picanço, Gilson Gomes, Henrique Gomes Costa, Jim Jones Batista, Lucídia Benitah Batista, Madson Auzier Pinheiro, Manuela Canto, Marco Aurélio, Dolzane do Couto, Maria Lúcia Pinheiro, Reinaldo Silva, Sandra Andrade, Sebastião Júnior, Théo Neves.



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	7
FESTRIBAL DE JURUTI/PA.....	11
O CENÁRIO FÉRTIL.....	20
O SURGIMENTO DE MUNDURUKU EMUIRAPINIMA.....	26
O ESPETÁCULO.....	41
A NOVA GERAÇÃO.....	49



APRESENTAÇÃO

O Festibal de Juruti vem se constituindo nos últimos anos como uma importante narrativa popular, focalizando suas temáticas na cotidianidade dos grupos sociais da Amazônia brasileira, especialmente dos povos indígenas. A festa acontece anualmente, no último final de semana do mês de julho, desde 1995, numa arena chamada Tribódromo, tendo como protagonistas os grupos folclóricos: Povo Indígena Munduruku e Povo Indígena Muirapinima.

Aqui, materializamos as memórias e as experiências de pessoas que narram a sua relação com a sua festa e como essa relação contribui para a história do Festibal desde 1983 até 2025.

Todo esse processo é resultado da atuação integrada de dois projetos: “Saberes, Memórias e Narrativas: ações integradas na preservação do Festibal de Juruti enquanto patrimônio cultural do estado do Pará”, vinculado à Universidade Federal do Oeste do Pará, e financiada pelo edital PEEEx nº01/2024, CGPrits/Ufopa, e o projeto de extensão “Revelando memórias e narrando histórias do Festibal de Juruti/PA”.



EQUIPE INTEGRADA:

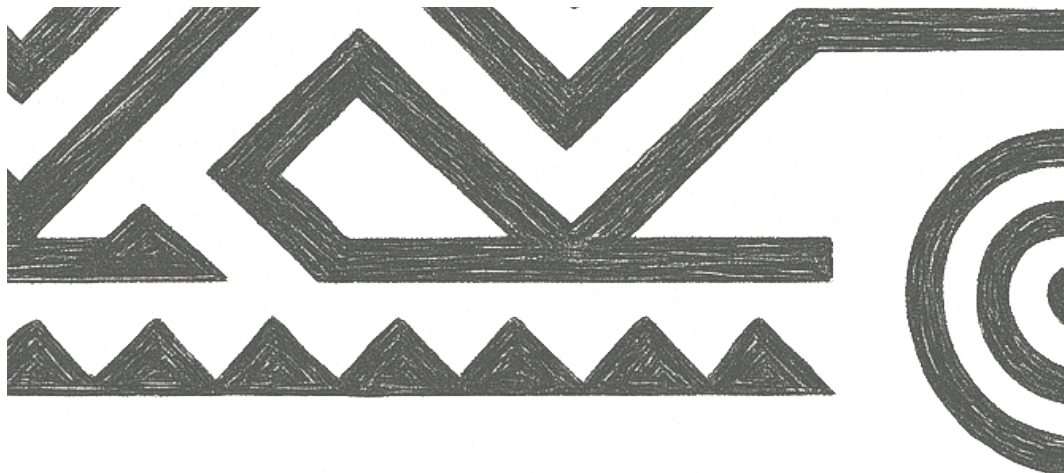
1. **Antônio Márcio Ávila Almeida** (Campus Juruti) – Coordenador Peex 2024 e vice-coordenador do projeto de extensão
2. **Giselle Moreira do Vale** (Campus Santarém - Proges) – Orientadora Peex 2024 e coordenadora do projeto de extensão
3. **Neidiana Rosário Soares** (Campus Juruti) – servidora técnica colaboradora do Peex 2024 e do projeto de extensão
4. **Luciana Gonçalves de Carvalho** (Campus Santarém – Instituto de Ciências Sociais - ICS) – servidora docente colaboradora do Peex 2024
5. **Diego Marinho Góis** (Campus Santarém – Instituto de Ciências de Educação - Iced) – servidor docente colaborador do Peex 2024
6. **Valéria Amorim Lopes** – bolsista de pós-graduação Peex 2024
7. **Udirlei da Silva Andrade** – bolsista professor da educação básica de Juruti Peex 2024
8. **José Brito** – professor da educação básica de Juruti – voluntário Pró-Extensão 2024
9. **José Matheus da Silva** – bolsista de graduação Peex 2024



10. **Yago Christian Marques Canto** – bolsista de graduação Peex 2024
11. **Luana Stéfany de Jesus Sousa** – bolsista de graduação Peex 2024
12. **Andrêyna Sabine Melo Pimentel** – bolsista de graduação Peex 2024
13. **Vinícius Gabriel Rosário Assunção** – bolsista ensino médio Peex 2024
14. **Ana Beatriz Pantoja Corrêa** – bolsista ensino médio Peex 2024
15. **Aline Farias de Moraes** – bolsista ensino médio Peex 2024
16. **Karine de Souza Cohen** – bolsista ensino médio Peex 2024
17. **Beatriz Castor Dias** – bolsista graduação Pibex – Pró- Extensão 2024
18. **Ana Kelem Batista Martins** – voluntária graduação Pró-Extensão 2024
19. **Francilene Assunção Bentes** – voluntária graduação Pró-Extensão 2024
20. **Victor Guimarães Coelho** – voluntário graduação Pró- Extensão 2024
21. **Ana Cristina Castro da Costa** – voluntária graduação Peex 2024
22. **Anderson Castro de Sousa** – voluntário graduação Peex 2024



Agradecemos a todas as pessoas que se disponibilizaram a contar um pouco da sua história com o Festival de Juruti e com isso valorizar a cultura. A parceria universidade e comunidade é primordial para o diálogo entre saberes amazônicos.



FESTRIBAL DE JURUTI/PA





Nesta parte do livro, focalizaremos sobre o Festival de Juruti em diferentes dimensões na atualidade: suas formas de organização e de financiamento, sua estrutura de realização, sua estética nas apresentações, sua temática principal, o método de julgamento que define o Povo Indígena campeão, além das mais variadas formas de materializá-lo como marca de uma identidade cultural de Juruti, como espaço de valorização dos povos indígenas e de afirmação de uma posição política de enfrentamento às violências e à devastação ambiental vivenciadas na Amazônia, e ainda como vetor de desenvolvimento local.

O Festival Folclórico dos Povos Indígenas de Juruti, popularmente conhecido como Festival, se promove como uma referência na valorização da cultura dos povos indígenas, bem como de temáticas atuais no que diz respeito à preservação da Amazônia, a conflitos socioambientais, à vida ribeirinha e contra qualquer tipo de preconceito. A teatralização da organização social e cultural dos indígenas, somada às coreografias e à musicalidade, são a base das apresentações, que têm como protagonistas os Povos Indígenas Munduruku, representada pelas cores vermelha e amarela, e Muirapinima, representada pelas cores vermelha e azul (Figura 1).

O evento é realizado sempre no último final de semana do mês de julho e divide-se em três dias de festa, começando na quinta-feira com a Festa dos Visitantes. Na sexta ocorrem as apresentações das tribos mirins e, no sábado,



as apresentações das Tribos Munduruku e Muirapinima. Por fim, no domingo, realiza-se a apuração das notas para definir a tribo campeã.

FIGURA 1 – SÍMBOLOS DA TRIBO MUNDURUKU E DA TRIBO MUIRAPINIMA.



Fonte: Tribo Munduruku e Tribo Muirapinima.

A FESTA DOS VISITANTES

A Festa dos Visitantes acontece desde 2005 e conta com atrações regionais e nacionais como estratégia para atrair turistas, proporcionar entretenimento para a comunidade local e movimentar o comércio de bens e serviços na semana em que ocorre o evento. É aberto ao público e totalmente gratuito. Em 2008, 2009 e 2010, as atrações se apresentavam na área externa ao Tribódromo. A partir de 2011, o evento passou a ser dentro do Tribódromo, facilitando com que o público pudesse estar nas arquibancadas e nos camarotes.



**TABELA 1 – ATRAÇÕES NACIONAIS
NO FESTIBAL DE JURUTI**

FESTA DOS VISITANTES	
Ano	Atração
2008	Banda Calypso
2009	Banda Gilmelândia
2011	Banda Biquíni Cavadão
2012	Banda RPM
2013	Banda Cidade Negra
2014	Banda Saia Rodada
2015	Banda Detonautas
2016	Victor e Léo
2017	Tico Santa Cruz
2018	André Frateschi/Vavá e Márcio
2019	Banda 007
2022	Banda Cabaré do Brega
2023	Nattanzinho
2024	Xandy Avião

Fonte: produzida pelos autores.

A responsabilidade pela contratação dos artistas e de toda estrutura de som e iluminação é da Prefeitura de Juruti. Em 2023, o orçamento da cultura no município foi de 5 milhões e 800 mil reais (Lei Nº 1.191/2022 – Prefeitura Municipal de Juruti), inclusive os recursos para a Festa do Visitantes do Festibal de 2023.



**FIGURA 2 – IMAGEM AÉREA DA FESTA
DOS VISITANTES DO FESTIBAL 2023.**



Fonte: Prefeitura de Juruti, 2023.

Os MIRINS

A consolidação dos grupos Muirapinima Mirim e Munduruku Mirim se deu em 2005, quando eles passaram a ser parte essencial do Festrival de Juruti. O objetivo dessa atração é inserir as crianças no evento, proporcionando-lhes diversão e garantindo a continuidade da Festa, haja vista que os mirins possuem a mesma estrutura de apresentação das tribos dos adultos (itens individuais e itens coletivos), com tema próprio e tempo máximo de 1h30min de apresentação.



“Eu considero as tribos mirins a nossa escolinha de arte. É nas tribos mirins também que alguns itens se destacam e se tornam itens individuais da Tribo Muirapinima[...] Isso acontece também com dançarinos da tribo coreografada, porque eles já vêm com essa formação, participando de todo o processo de construção da tribo mirim” (Daniel Costa, membro da Tribo Muirapinima, em entrevista à TV Aparecida, em 2022).

As famílias também são parte importante na participação das crianças, levando-as para os ensaios, apoiando-as e participando da festa junto com elas. Aproximadamente 145 crianças participam das apresentações de cada grupo e eles mesmo enxergam a importância do envolvimento dessas crianças tanto no Festibal como no Município.

“Eu afirmo e reafirmo: para o Festibal o dia mais importante é o segundo dia. É onde a gente consegue regar a semente do que será o Festibal no amanhã. Então, pra mim, ver aquelas crianças desde os dois anos de idade até dez anos, defenderem com toda a responsabilidade tanto Munduruku quanto Muirapinima, eu fico com o coração apertado, eu choro, de ver



tanta beleza e responsabilidade. É onde a gente vê que o Festival não vai parar nunca mais, porque as crianças estão sendo preparadas para levar essa tradição para as futuras gerações. É isso que nos deixa muito felizes, mostra que nós estamos no caminho certo, fazendo a coisa certa, apostando e respeitando aquelas crianças, proporcionando entretenimento e lazer sadio para elas. Apresentar a cultura dos teus ancestrais para essa criançada é muito lindo, fazer elas se pertencerem, se orgulharem de estar na Amazônia, de serem filhos da Amazônia, isso daí não tem preço” (Edvander Batista, membro da Tribo Munduruku, em entrevista à TV Aparecida, em 2022).

Os grupos mirins não competem um com o outro, dando apenas um caráter participativo às crianças. A participação delas tanto nos mirins quanto nos adultos é orientada pelo Conselho Tutelar de Juruti e pelo Termo de Ajustamento de Conduta (TAC - 002/2022 - PPJ) emitido pela Procuradoria de Justiça de Juruti em 2022, que tem prazo de vigência indeterminado.



FIGURA 3 – MUIRAPINIMA MIRIM



Fonte: Frank Wallace, 2019.

FIGURA 4 – MUNDURUKU MIRIM.

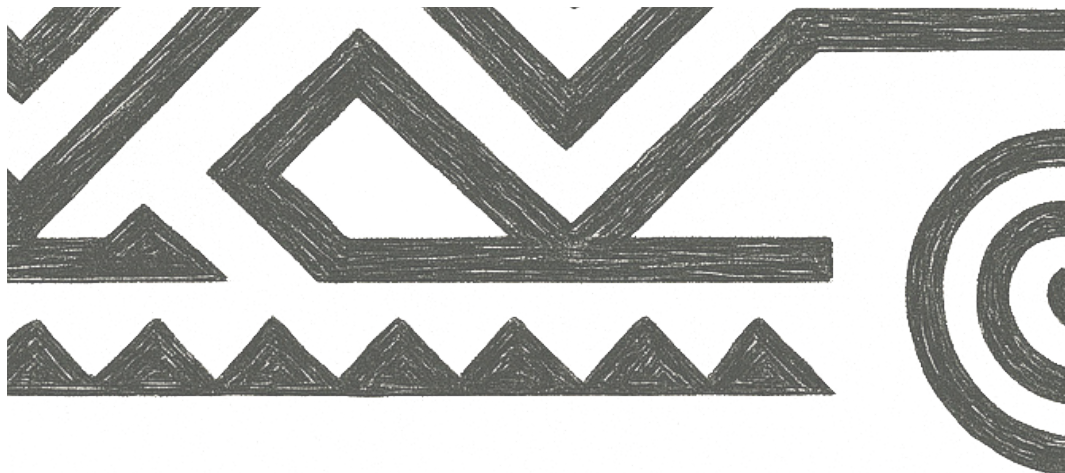


Fonte: Frank Wallace, 2019.



MUIRAPINIMA X MUNDURUKU

A primeira disputa entre Munduruku e Muirapinima ocorreu em 1995. A cada ano eles definem um tema que é apresentado e a apresentação é dividida em itens individuais e coletivos que estão presentes em três atos: o coreográfico, o cênico e o musical. O ato coreográfico é o movimento rítmico que corresponde aos itens Tribo Coreografada, Evolução e Harmonia, além dos itens individuais: Porta Estandarte, Índia Guerreira, Guardiã Tribal, Tuxaua e Pajé. O ato cênico envolve a história que será contada e é expresso na Tribo Originalidade, Originalidade em Conjunto, Ritual Indígena, Alegoria e no item individual Apresentador. No ato musical estão presentes os itens Regional, Canto Indígena e Galera. De acordo com o regulamento do Festibal, o tempo máximo de apresentação é de três horas para cada uma delas, contadas a partir do anúncio da entrada do item Apresentador. Os itens e atos avaliados são: Apresentador, Porta-Estandarte, Guardiã da Floresta, Tuxaua, Guerreira Indígena, Pajé, Canto Indígena (letra e música), Regional, Evolução, Ritual Indígena, Alegoria, Povo Indígena (representação original), Povo Indígena (representação coreográfica), Originalidade em Conjunto, Harmonia e Galera.



O CENÁRIO FÉRTIL





Você sabia que Juruti começou a se tornar referência cultural na região mesmo antes do surgimento de Munduruku e de Muirapinima? Esse momento histórico, chamamos de **cenário fértil**. O cenário efervescente de criatividade, danças, rivalidade e muita alegria dos grupos culturais que já existiam na área urbana e na área rural. Quem conta mais sobre isso é o ex-prefeito de Juruti, Madison Auzier Pinheiro, que com a ajuda de sua esposa, Régia Pinheiro (*in memorian*), que assumiu a Secretaria Municipal de Administração e Finanças em 1984, iniciaram um plano de ação voltado para a cultura.

“A Régia, por ser filha de nordestinos, e eu, morando em Manaus, já participávamos de eventos culturais em escola, na cidade de Manaus. Quando ela chegou em Juruti, começamos também esse movimento de juntar os grupos folclóricos que já existiam, inclusive das comunidades rurais e trazer para a cidade para que se apresentassem nas festas juninas, isso por volta de 1984 para 1985. Já tinha o Boi do Nino, o Boi do Miri, quadrilha do Castanhal, Boi do Areal. Todo o apoio logístico para esses grupos, como deslocamento e alimentação, era por conta da Prefeitura de Juruti para que essas apresentações fossem realizadas”.



Nesse período, já havia premiação para a melhor quadrilha e tinha um intenso envolvimento comunitário para prestigiar essas apresentações, inclusive de pessoas de municípios próximos, como Parintins (AM) e Óbidos (PA). Juruti já começava a se destacar entre os municípios vizinhos pela cultura. Isso fez com que outros grupos folclóricos se organizassem para fazer parte dessa programação, como a Dança do Tucano, que passou a se apresentar junto com as quadrilhas juninas. Com o aumento da diversidade de grupos e temas, criou-se, então, em 1986, o Festival Folclórico de Juruti como forma de valorizar e ampliar ainda mais essa diversidade artística. Inicialmente, esses grupos se apresentavam numa quadra construída na gestão de Madson Pinheiro, que popularmente era chamada de Quadra Nova, onde hoje é a Escola Municipal Raimundo de Sousa Coelho. O professor Êlcio Farias viveu esse momento e conta um pouco mais sobre essa época.

“A quadra ficava longe da cidade e a única quadra que existia na cidade era dos padres, onde hoje é o Centro de Convivência Madre Célia. A gente só chamava de quadra nova. Essas quadrilhas não eram só da cidade, mas também de outras comunidades. Como vinham essas quadrilhas do interior, as apresentações duravam mais de um dia”.



A intensa participação popular fez surgir um componente que até hoje faz parte do Festribal e é primordial para a continuidade do evento: a rivalidade entre as torcidas. Na época, a rivalidade demonstrava que sempre foi um ingrediente vivo na cidade e na cultura do Festival Folclórico. Alguns moradores mencionam que havia muita rivalidade entre os dançarinos e torcedores desses grupos, principalmente após o grupo de dança Ou Vai Ou Racha se destacar, como frisa Êlcio Farias que também fez parte desse grupo.

“Todos os grupos que perdiam do Ou Vai Ou Racha iam se juntando contra nós. Era uma rivalidade muito forte e fazíamos questão de fazer a festa da vitória. E a cada ano queríamos vir melhor, com novidades, com elementos surpresa. Muitos queriam entrar para o grupo porque a gente sempre vinha para ganhar”.

Ana Márcia Oliveira Cunha, médica do Hospital Municipal de Juruti, foi uma das fundadoras do grupo e conta um pouco dessa história.

“Saí de casa em casa convidando os colegas para dançarmos quadrilha, até que consegui alguns adeptos. Então, o Mário Itiá e o Kanamé, que moravam em Belém e já tinham dançado qua-



drilha na escola deles, trouxeram passos novos, pois em Juruti as danças das quadrilhas eram aquelas tradicionais. E começamos a ensaiar mesmo com dificuldades em encontrar locais. Tentávamos o Dom Bosco, saíamos pedindo lugar e não tinha. Mas tínhamos que ensaiar porque queríamos dançar no Festival Folclórico de Juruti de todo jeito. Ou vai ou vai, e foi dessa forma que então surgiu o nome do nosso grupo “Ou Vai Ou Racha”. Quando entramos na quadra com uma proposta bem diferente do que já estavam acostumados a ver, ganhamos adeptos. E no ano seguinte participamos de novo. Inovamos incluindo outros ritmos como o carimbó, o xote, a farinhada, além das quadrilhas. Todo ano concorriamos e ganhávamos. Além de estarmos concorrendo, a gente se divertia muito dançando”.

Quem também vivenciou esse período de movimentação cultural foi Maria Lúcia Pinheiro, popularmente conhecida como Lucita.

“Olha, eu já era envolvida com a cultura na época em que o Parázinho — na verdade, quando o Madson Pinheiro era prefeito — e com a dona Régia, que adorava fazer o festival acontecer.



Ela valorizava muito as danças do interior, os pássaros, os bois. Tudo isso era feito nas comunidades. Tinha, por exemplo, o boi do Miri. Vocês conhecem a história? O boi do Miri fazia xixi na quadra! Aí diziam assim: “Pessoal, o boi do Miri já vai se retirar.” Ele fazia o xixi e saía mesmo! Tinha também o Cordão da Garça, que era da comunidade do Areial, o boi do finado Nino Gonçalves, o Campineiro, o boizinho da Maluca, uma criação dos meninos do Casulo, feito pelo Micoca. A cabecinha da Maluca era a representação. Esse boizinho era só de crianças, e eles se apresentavam nas casas durante as festividades. Isso tudo começou a ganhar força na gestão do Madson, quando ele era prefeito. Depois veio o Parázinho, depois o Isaías. E com o Isaías surgiu o Vai ou Racha e também um grupo de dança de Cangaço, aqueles que se vestem de Virgulino, como os cangaceiros do Nordeste. Quem criou esse grupo foi a dona Régia, já no primeiro mandato do Isaías Batista”

Foi um período importante para que os jovens jurutienses pudessem se descobrir como artistas, coreógrafos, compositores, historiadores, apoiados principalmente pelas suas famílias. Havia o envolvimento comunitário com a festa. Mesmo com a participação da Prefeitura de Juruti, o



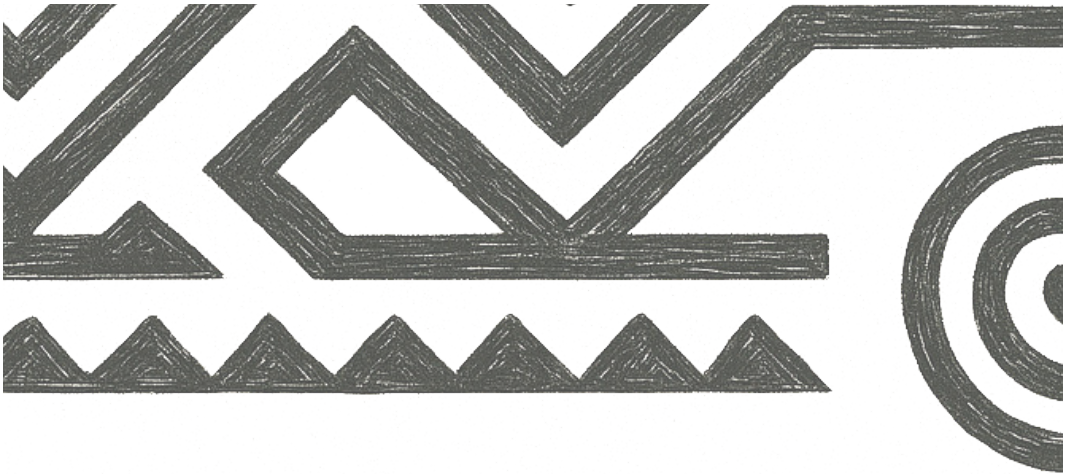
protagonismo nesse período era da comunidade local, à medida que a comunidade intensificava seu papel de criadora.

FIGURA 5 – APRESENTAÇÃO DO GRUPO “OU VAI OU RACHA” NO FESTIVAL FOLCLÓRICO DE JURUTI.



Fonte: Arquivo pessoal de Élcio Farias.

É possível perceber, nos relatos registrados sobre o cenário festivo que antecede o surgimento do Festribal, a importância desse momento histórico na construção dessa marca identitária que carrega o sentido de principal manifestação cultural de Juruti e que sustenta o sentimento de pertença da comunidade, o sentimento de rivalidade e de amor pela festa, da vontade de vencer, refletindo também no apoio e nas políticas que tornam o Festival referência da cultura regional.



O SURGIMENTO DE MUNDURUKU E MUIRAPINIMA





Todo esse movimento cultural que começou a se expandir a partir de uma iniciativa política propiciou a emergência dos grupos de dança Munduruku e Muirapinima, e consequentemente, a consolidação da disputa entre elas, no formato denominado Festríbal.

POVO INDÍGENA MUNDURUKU

Em 1993, um grupo formado por jovens jurutienses que viviam o contexto do Festival de Parintins resolveu trazer para o Festival Folclórico de Juruti o formato dos bois bumbás amazonenses, fazendo apenas referência aos povos indígenas, com o intuito de homenagear os primeiros habitantes da história de formação do município paraense.

Sob liderança de jovens do bairro Centro e com o apoio de Carmem Barroso (*in memoriam*) e de Aldecias Batista, criaram o grupo de dança folclórica Tribo Munduruku. As primeiras apresentações usaram músicas do Boi Caprichoso, como *Iamã*, que foi composta por Ronaldo Barbosa e fez parte do álbum “No Silêncio da Mata, rufa tamurá”, de 1993. Edvander Batista fez parte desse momento histórico e conta um pouco sobre o surgimento do Povo Indígena Munduruku:

“Nós éramos todos jovens aqui do Centro, da rua Joaquim Gomes do Amaral, da Travessa Lauro



Sodré, todos amigos, e aí não podemos ocultar o fator que, no meu ponto de vista também como pesquisador, é uma mola propulsora no que diz respeito à Tribo Munduruku que é o festival de Parintins e que tem participação fundamental no início desta festa, porque todos nós eramos e somo até hoje apaixonados pelo Festival de Parintins. E junto com a dona Carmem, Aldécias Batista, Jim Jones, Clemente Santos, Jorge Carvalho, Lene e Lana resolvemos homenagear os nosso ancestrais mundurucu. Reunimos um grupo e fomos para a Terra Preta, onde é hoje o porto da Alcoa. Pegávamos semente da seringueira e assim fizemos nossas primeiras indumentárias. Os nossos saiotes eram feitos com pedaços de bambu e com os restos de fantasias de Parintins, com penas de galinha e assim saiu a Mundukruu, com pinturas, alegoria, coreografias. O primeiro tema que apresentamos em 1993 foi homenagem ao Lago do Jará”.

Jim Jones, professor de Juruti, também tem muitas lembranças dessa época e muitas histórias guardadas:

“A primeira apresentação foi muito marcante. Nós ensaiávamos escondidos de madrugada para o adversário não ver. Íamos para lá levando



um gravadorzinho a pilha, porque a energia de Juruti, nesse tempo, apagava à meia-noite. Outra história engraçada era quando ensaiávamos na rua, na Laura Sodré, porque não tinha asfalto, tudo era de chão batido. E teve uma ainda mais cômica: pedimos para o padre para ensaiar na quadra de esportes da Igreja Matriz, e ele deixou. Mas disse: “Olha, tem uns três mamotes que a Igreja vai leiloar na Festa da Padroeira, mas dancem comportadamente, sem mexer com os garrotes. “Avisamos os brincantes: Vamos ensaiar, mas por favor, não se aproximem dos bichos”. Mas foi o mesmo que dizer: “Vão lá mexer!” E eles mexeram. Os mamotes se soltaram das cordas onde estavam amarrados e avançaram para cima da tribo. Foi um corre-corre louco, todo mundo desesperado querendo sair da quadra e indo para a rua”.

Para Jim Jones, o Festribal não é apenas uma manifestação cultural que ele faz parte e ajudou a construir. A história do Festribal também é a sua história de vida.

“Ser item da tribo Munduruku me inspirou a ser o que sou hoje: professor de História. Fui fazer licenciatura depois dos anos 2000. Surgiu um concurso do Estado, na época da governadora



Ana Júlia, em 2009. Saí da faculdade e passei no concurso público para trabalhar na escola onde estou até hoje: Raimundo de Souza Coelho, escola de ensino médio de Juruti.

Desde então, me apaixonei pela profissão, porque ela é muito ligada ao que fazemos no Tri-bódromo. Todo ano contamos um enredo, uma história. Eu me sinto um pouco apresentador da tribo quando entro na sala de aula. Os alunos percebem e comentam: “É impressionante, quando o senhor está ministrando a aula, parece que está vivendo o momento! Quando o assunto é Grécia Antiga, parece que o senhor está lá!”

Isso é muito recíproco. Essa herança veio do Festribal como experiência de vida, de lidar com o público. Foi até uma experiência política. Esse movimento me trouxe a ideia de ser vereador da minha cidade. Acreditava que, entrando na política, poderia ajudar não só a tribo Munduruku, mas o Festribal como um todo

Me lancei candidato, fui o segundo mais votado, sem esperar. Acabei eleito vereador de Juruti. Acredito que muito disso se deve aos torcedores da tribo Munduruku, por causa do fanatismo, da rivalidade e da paixão. Surgiu em mim esse papel de representante da tribo e do festival na Câmara Municipal”.



FIGURA 6 – JIM JONES COMO ITEM APRESENTADOR
DO POVO INDÍGENA MUNDURUKU.



Fonte: Arquivo pessoal de Jim Jones.

POVO INDÍGENA MUIRAPINIMA

Em 1995, por meio da disciplina “Redação e Expressão”, as professoras Aurecília Andrade e Sebastiana Picanço (*in memorian*), deram início, juntamente com alunos da Escola Estadual Américo Pereira Lima, a uma pesquisa sobre a região de Juruti Velho. A pesquisa descobriu que



vivia na região em questão um povo indígena desmembrado do povo mundurucu, auto identificado como povo muirapinima por ter essa espécie de árvore no local onde eles se instalaram e passaram a viver.

Dessa pesquisa surgiu a Dança do Fogo, que se apresentou na tradicional festa junina da escola, realizada para angariar fundos para a lajota das salas de aula. Fabiana Picanço, filha de Sebastiana, conta um pouco do início dessa história.

“A professora Aurecília pegou uma quantidade de meninos e de meninas e fizeram uma dança como se fosse um ritual com tochas de fogo e barraquinhas de palha. Foi uma apresentação muito linda. A professora Sebastiana então convidou a professora Aurecília para fundar uma tribo e concorrer com a tribo Munduruku no Festival Folclórico de Juruti com os próprios integrantes da Dança do Fogo, e assim criaram a Tribo Muirapinima. A professora Sebastiana chamou uma prima chamada Joelma Bruce, que fazia as fantasias do Boi Garantido para ajudar na organização da nova tribo, inclusive contribuindo na escolha das cores vermelha e azul, em alusão aos bois Garantido e Caprichoso, respectivamente. As três eram o cérebro da Tribo Muirapinima”.



A primeira apresentação da Tribo Muirapinima no Festival Folclórico de Juruti foi com o tema “Tradição e Cultura”, marcando oficialmente a primeira disputa entre tribos e o início do Festibal. Aurecília Andrade relembra momentos marcantes dessa época.

“Quando eu coloquei o nome do Regional Filhos da Terra, os meninos não gostaram muito. “Mas filho da terra? O que sai da terra é minhoca”. Aí eu disse olha, vamos ver, eles queriam outro nome, né? Aí deram um outro nome que não estou lembrada, foram pesquisar o significado e eles não gostaram e voltaram com o outro nome e disseram que ia ficar Filhos da Terra mesmo. Nosso primeiro estandarte foi um vaso indígena que eles chamavam de botija e o contrário também. O meu objetivo era fazer algo pela minha cidade. E hoje além de fundadora da Tribo Muirapinima, eu sou também me sinto guardiã da história de Juruti pela ciência”

Manuela Canto, ex-porta estandarte do Povo Indígena Muirapinima, conta que a sua relação com o Festibal começou quando tinha por volta 9 ou 10 anos de idade, quando via suas primas dançarem as coreografias de Munduruku, em 1996. Apesar de seus familiares serem Munduruku, ela se apaixonou pelo Muirapinima.



“Minha família toda era Munduruku, mas a gente gostou do Muirapinima. Meu pai gostava muito do Muirapinima. Meu tio Canto, que já é falecido, também gostava muito da tribo. Isso influenciou bastante, porque meu pai era muito próximo dele, tinham muita afinidade. Acredito que isso tenha contribuído muito para a escolha da tribo na época”

Ela também relembra como foi para ser item.

“Estávamos no ensino médio, e tínhamos uma disciplina de Artes, na qual o professor separou nossa turma.

Ele queria conhecer a cultura do município e pediu que apresentássemos um trabalho sobre ela. O trabalho seria sobre o Festibal. Ele dividiu a turma ao meio: metade apresentaria sobre a Tribo Munduruku e a outra metade sobre a Tribo Muirapinima. E, por incrível que pareça, fiquei do lado do Munduruku. Preparamos tudo, emprestamos roupas dos dançarinos, escolheram os itens. Ao mesmo tempo em que eu queria ser item, eu sentia medo e ficava nervosa. Foram escolhidos dois itens: a Índia Guerreira e a Porta-Estandarte. Foram apresentados somente esses dois. Mas também tinha o Tuxaua, e eu falei que



queria ser Guardiã do Tuxaua. Na época, existia esse item. Emprestamos as roupas das tribos e eu saí como Guardiã do Tuxaua.

Eu tinha muita vontade de dançar, de ser item — mas não de dançar no meio da tribo. Minha vontade era ser item mesmo. Sempre fui muito elétrica, gostava muito de dançar. Então, nós nos apresentamos na frente de onde hoje é o Universo Munduruku. Fechamos a rua e a nossa apresentação foi lá. Conseguimos alegorias para a apresentação, foi muito legal. Eu entrei como Guardiã do Tuxaua, mas entrei com sangue nos olhos. Na verdade, era uma brincadeira valendo ponto, mas eu dancei pra valer mesmo. Foi então que o pessoal do Muirapinima começou aprestar atenção em mim. A Andreia, que já era coreógrafa, e o Alisson Lima também, começaram a ficar de olho. Na época, o Muirapinima estava sem Porta-Estandarte, e a nossa apresentação foi no início de junho, por volta do ano de 2000.”



**FIGURA 7 – MANUELA CANTO COM O ITEM PORTA
ESTANDARTE DO POVO INDÍGENA MUIRAPINIMA**



Fonte: Arquivo pessoal de Manuela Canto

Outra pessoa que tem história no Muirapinima é Moisés Mota, mais conhecido como Moca. Foi apresentador e presidente da Associação Folclórica e Recreativa Tribo Muirapinima. Mas ele começou no Munduruku e conta como e o porquê dessa mudança.



“Minha relação com a Tribo Muirapinima começou a partir de uma divergência com a tribo adversária. Eu comecei na Tribo Munduruku, era brincante. Chegou um momento em que precisavam de alguém para apresentar e me escolheram. A princípio, eu não queria, achava que não tinha nada a ver comigo ser apresentador. Mas como não havia ninguém, e existia essa necessidade, me chamavam, e foi aí que aceitei. Só que, naquele momento, eu me senti desvalorizado. Fizemos uma reunião de avaliação e todos foram citados, menos eu. Mesmo com o esforço que fiz, de estar ali, enfrentar tudo. Isso me fez refletir. Meus amigos de infância já eram Muirapinima, dançavam no Vai ou Racha e ficavam me provocando: “Poxa, você é de lá e vai continuar lá?” Foi aí que decidi mudar e passei para a tribo adversária, o Muirapinima”.

Outra pessoa que tem história no Muirapinima é o ex-intérprete de cantos tribais, Carlinho Tribal. Ele conta como foi o surgimento o grupo musical Filhos da Terra.

“Minha vivência iniciou-se logo depois da primeira apresentação com A Dança do Fogo, e no outro ano houve a necessidade de montar um grupo musical e aí nós tínhamos eu e uns ami-

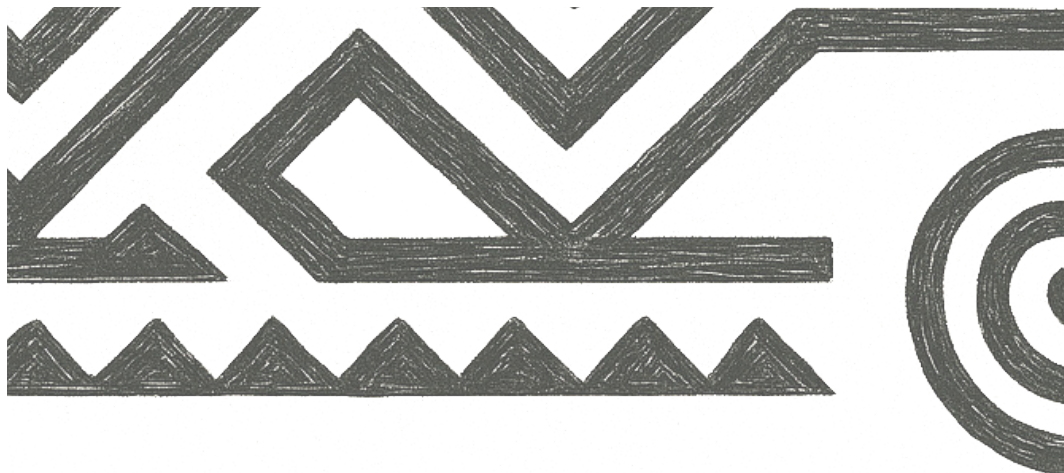


gos um grupo de pagode, que era só mesmo pra gente beber cachaça, dizer assim né? Nós nos encontrávamos e nós íamos lá pro laranjal do seu Mário Japonês que é aí hoje onde é o Porto da Alcoa, que era a residência dele. É um senhor japonês que casou com uma jurutiense. Ele era pai do Kanamé. E aí ele tinha um laranjal e aí íamos pra lá, o filho dele, o Kanamé, começou a aprender a tocar instrumento que dava musicalidade nas toadas, inspirada no Boi Bumbá, que é o charango, ele se dedicou começou a aprender e íamos pra lá, ouvíamos as toadas mas não éramos envolvidos no festival, mas queriam que a gente se envolvesse.

Começou pelas toadas dos dois bois e fomos tirando as músicas, "Eaí, quem vai cantar?", e eu que já tinha um pouco de prática do canto, mas era mais na igreja. E aí fomos ensaiando, ensaiando, e foi um dia que saiu, saiu umas cinco toadas de boi já, os meninos tocando, na época ainda não tinha o surdo, não tinha caixa. Como nós éramos um grupo de pagode, aí era pandeiro, tabaque, o violão e o charango, era só, e a voz, aí saía um pagode, uma mistura de pagode com toada, até porque nós não sabíamos o ritmo. A primeira apresentação que nós fizemos com o grupo, já com o Muirapinima foi aqui na Arena



*Cultural, foi a primeira quadra de apresentação
aí na praça, era uma quadra de futsal então não
tinha outro espaço na cidade, foi aí que foi o pri-
meiro festival de disputa das duas agremiações e
foi aíque tudo iniciou”.*



O ESPETÁCULO





Até 1995, as danças e as tribos se apresentavam numa quadra, construída na gestão de Isaías Batista Filho, onde hoje é o Parque Infantil. Em 1996, o Festival Folclórico de Juruti passou a ser realizado no Centro Cultural e Desportivo Hudson Rebelo, inaugurado em 1996, na gestão de Ariosvaldo Pereira Rebelo (1993 a 1996), popularmente conhecido como Parazinho. Esse foi o local oficial das apresentações até 1999. Ressalta-se que até 1999. Isso mudou no final do segundo mandato de Isaías Batista Filho, com a construção do Tribódromo, em parceria com o Governo do Estado do Pará.

FIGURA 8 - IMAGEM DO INÍCIO DA CONSTRUÇÃO DO TRIBÓDROMO.



Fonte: Arquivo publicado por Lázaro Moutinho no Facebook.



**FIGURA 9 - IMAGEM TRIBÓDROMO NO
INÍCIO DOS ANOS 2000**



Fonte: Arquivo pessoal de Madson Pinheiro.

FIGURA 10 - IMAGEM TRIBÓDROMO EM 2023



Fonte: Arquivo pessoal de Giselle Vale.



Com o novo cenário, houve também a necessidade de investir em equipamento de som e iluminação e da inserção do camarote. “Trouxemos a melhor empresa de Santarém para fazer o som e a iluminação do Festribal e isso fez muita diferença na qualidade das apresentações. Em 2005 e 2006, também colocamos camarote de madeira, mas por questões de segurança, em 2007, trocamos para camarote de alumínio” (Henrique Costa, ex-prefeito de Juruti). É também a partir do Tribódromo que o processo de tornar o Festribal um espetáculo cultural amazônico começa a se intensificar e ficar mais evidente.

A Prefeitura Municipal de Juruti, na gestão de Henrique Costa (PT– 2005 a 2008), decidiu criar a Secretaria Municipal de Cultura, tendo como primeiro secretário, Edvander Batista, folclorista do Povo Indígena Munduruku, e com isso, a gestão resolveu mudar o formato das apresentações dos grupos culturais, deixando de ser um Festival Folclórico para ser o Festival das Tribos. Com essa renomeação, a forma de apresentação também mudou; não mais um dia de apresentação para todos os grupos, e sim três dias de festas, sendo: no primeiro dia, a festa dos visitantes, no segundo dia, a apresentação dos mirins; e; no terceiro dia; a apresentação dos grupos folclóricos Munduruku e Muirapinima. Edvander Batista explica melhor como ocorreu essa mudança.

“A gente viu que a própria comunidade priorizava assistir às tribos, então decidimos separar



os grupos, deixando Munduruku e Muirapinima com uma organização própria. Já havia poucos grupos folclóricos, e acabou que eles não se apresentaram mais. Quando fizemos essa reestruturação, também tivemos a presença dos meios de comunicação, foi o período que o Festival teve o maior investimento financeiro”

Ariadne Lima, também ex-secretária de Cultura de Juruti, no período de 2017 a 2020, também testemunhou essa mudança.

“Desde o ano 2000 já não havia mais apresentação de outros grupos, então até 2005 foram cinco anos com o Festival Folclórico tendo apenas a participação das tribos. Fazia mais sentido mudar o nome para o Festribal, incluir a festa no planejamento da cidade e com isso alocar orçamento exclusivamente para a realização do evento, foi extremamente necessário traçar um plano de comunicação e isso começou a ser feito em 2005, mas se concretizou em 2009 quando materializamos isso, inclusive com a criação da logomarca do Festribal, com a sua patrimonialização, com as transmissões, com o marketing”



O processo de patrimonialização do Festribal de Juruti se deu por iniciativa do Governo do Estado, em 2008, ao declará-lo Patrimônio Cultural do Estado do Pará. A declaração do Festribal como patrimônio cultural, idealmente, indica que o poder público, por meio de suas políticas culturais, tem como dever preservá-lo e fomentá-lo, o que já é previsto e ampliado na Lei nº 7.112/2008.

Quem também acompanhou esse processo foi a ex-secretária de Finanças, Sandra Andrade.

“A gente tinha ali uma festa muito tímida, até por dificuldade mesmo de captação de recurso para fazer a festa, então o prefeito Henrique Costa aumentou os valores de repasse para as duas agremiações consideravelmente, que proporcionou o espetáculo tomar essa grandiosidade que hoje é, então de lá para cá, os outros prefeitos que entraram não tiveram mais como recuar, tiveram que manter o tamanho que ficou. Então foi um momento muito importante, né? E eu participei desse momento dos dois lados, né? Eu era tanto secretária de finanças quanto eu era a presidente da tribo Muirapinina, então foi assim, foi de lá para cá que o festival tomou esse corpo, né? E que outros prefeitos que entraram não tiveram mais como recuar”



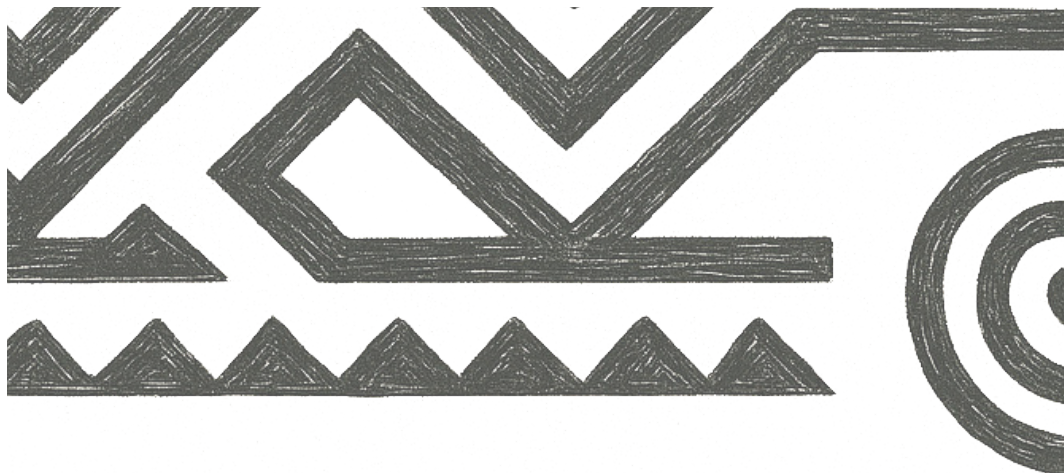
Theo Neves, apresentador do Povo Indígena Mundurucu, acompanhou essa evolução e ele acredita que não vai parar de crescer.

“O Festibal se desenvolveu demais. Então, 30 anos é uma história de evolução, de aprendizado, e tudo isso de dedicação. E dedicação que é fruto de muito amor dos dois lados, das duas tribos. Se a gente acompanhar os festibais anteriores, a gente vê que a evolução é muito grande. Que vai evoluir ainda mais, porque é um festival absolutamente autêntico. Todas as temáticas que podem ser utilizadas são autênticas. É a história dos povos originários, então existe uma riqueza de conteúdo, uma riqueza antropológica para se trabalhar, fantástico. Então, o festival hoje está muito grande e tem um poder, tem um conteúdo que pode fazer crescer ainda mais, e a tendência é essa. Vai se tornar um grande festival, já é conhecido no Brasil, e vai continuar crescendo. A evolução vai ser constante, isso que eu acredito. Então, essa é a perspectiva que eu tenho, de crescimento. Vai crescer sempre, vai desenvolver, se o país desenvolveu o festival desenvolve. Essa perspectiva que eu tenho, estou muito feliz de acompanhar desde começo, e estarei sempre aqui, feliz em acompanhar a evolução”.



Assim como Theo Neves, Gilson Gomes relembra com muito carinho dessa trajetória e tem memórias que marcam a sua vida.

“O que me marca muito é a minha mãe, com 85 anos de idade, ela iniciou fazendo bandeiras. Se você for em casa, a partir de abril, ela está lá na máquina dela fazendo bandeiras e tudo. É aquele amor que você sente que é verdadeiro, que não se cobra nada e ela vai para os ensaios todas as noites, e fazem ela dançar lá. Às vezes a gente fica até chateado. Então, esse jeito dela, humilde, do jeito que ela abraça o Muirapinima, é um negócio que é inesquecível. Isso não é bom nem pensar quando ela partir, vai ser um sentimento que vai ficar eterno, ela já foi até Porta Estandarte, lá no grupo que ela pertence, 60+. Então você tira por aí, a mãe é o elo de tudo na nossa vida, inclusive o Muirapinima”



A NOVA GERAÇÃO





Ao longo desses 30 anos de Festribal, viu-se pessoas indo e vindo, novos rostos, novos itens, e hoje a renovação permanece, o que caracteriza a festa jurutiense como algo coletivo, familiar, de pertencimento e vínculo de uma cidade que viu na arte o seu modo de existir no mundo.

E quem está vivendo isso como nova geração de Muirapinima é Daniel Costa.

“Eu me considero uma nova geração do Festival. A partir do momento que eu fui convidado a fazer parte da Tribo Murapinima, da organização, na Comissão de Arte, foi preciso a gente quebrar alguns paradigmas sobre a construção do espetáculo, a questão de trazer temáticas que estejam alinhadas também com as pautas do movimento indígena no Brasil. Então a gente trouxe essa preocupação de que a gente faça um Festribal, mas não faça apenas uma festa pra gente fazer uma brincadeira. Não, a gente precisa fazer uma festa que ela venha a contribuir, que ela venha a somar com a luta dos povos indígenas, com a luta dos movimentos indígenas, e também que venha a contribuir com os direitos desses povos. Inclusive uma preocupação que essa nova geração está trazendo, e uma coisa que eu sempre pego pra reflexão, é que hoje as organizações indígenas, os povos indígenas, eles estão se organizando mais. Então pra gente recriar um ri-



tual, pra gente recriar uma dança, a gente vai precisar também consultar essas organizações pra que a gente possa ter a autorização delas pra recriar aqui no nosso espetáculo. Porque é um conhecimento tradicional, a gente precisa consultar essas organizações se elas querem que os seus ritos sejam apresentados em uma festa, e a gente precisa pedir licença desses povos. Eu costumo dizer que é como um direito autoral de uma música. A gente só pode reproduzir uma música se a gente tiver a licença do autor, do compositor. E assim também hoje os movimentos indígenas estão se organizando nesse sentido.

Comecei participando como brincante na tribo Muriapinima Mirim, quando eu tinha aproximadamente 6, 7 anos. Comecei como brincante e depois de lá a minha relação com a tribo foi aumentando. Participando dos festivais, a minha mãe fazia questão que a gente participasse, assistisse aos festivais. Então, ela sempre incentivou a nossa participação na tribo Muriapinima. Depois de um tempo eu passei a ser torcedor. Participava na galera, o Item 16. E em 2018 eu fui convidado pela diretoria da tribo Muriapinima para fazer parte da comissão de arte como pesquisador da tribo e também contribuir na organização mesmo do espetáculo, em 2018. E até hoje estou nessa função de pesquisador. Faço



também a parte de textos, as escritas de textos para o livro dos jurados, para o apresentador e também para as mídias. Sou responsável por esse contato, para a divulgação nas mídias sociais, jornais, para a imprensa. E é assim que está a minha relação hoje no festival”.

Dualex Amaral também está vivendo uma nova fase, mas no Munduruku.

“Eu acho que sim, eu sou uma nova geração do Festival. Tem muitos caciques aí, a gente tem que respeitar a história, mas a gente tem que também fazer a nossa história acontecer, e eles nos ensinam muito, a gente tem aprendido muito, é um desafio muito grande ser artista sem tanto apoio, a gente tem que trabalhar por conta própria, tem que captar patrocínio, recurso, apoio, para a gente cuidar, por exemplo, de fatores cruciais para um espetáculo como voz, performance, então considero-me uma nova geração do Festival. Eu me sinto mais cobrado ainda pelos que passaram, pela história deles, e porque o futuro depende dessa nova geração de artistas. Eu estou desde 2013 no Festival, foi o primeiro ano em que eu participei diretamente da festa, inicialmente como apresentador de ensaios da tribo Muirapinima. Na época já era o Edivan o



apresentador principal e a gente servia de apoio, mas não só na parte de apresentação, mas também na parte de cantos indígenas.

Foi o momento em que a gente estava pegando essa experiência mesmo de como que acontece a festa, como que flui a festa. Foi muito interessante esse tempo para a gente. Eu aprendi muito com os nomes, os grandes nomes do Festribal, como Silvio Araújo. Nós também convivíamos com artistas que vinham de Parintins para somar junto com a gente. Foi muito interessante.

Hoje eu posso dizer que a tribo Munduruku, o povo indígena Munduruku, roubou meu coração. Estou perdidamente apaixonado pela forma como eu fui acolhido, pela forma como a mundurucânia interage. Hoje eu sou apresentador e interprete substituto do Munduruku. Também faço a chamada, aquele esquentar inicial do Festival para aquecer a galera no dia principal. Também ajudo na Munduruku Mirim como parte do regional, parte do regional que atua ali também. Nós temos essas funções lá dentro”.



[2025]
EDITORA CABANA
Trav. WE 11, N º 41 (Conj. Cidade Nova I)
67130-130 — Ananindeua — PA
Telefone: (91) 99998-2193
cabanaeditora@gmail.com
www.editoracabana.com



O Festibal de Juruti vem se constituindo nos últimos anos como uma importante narrativa popular, focalizando suas temáticas na cotidianidade dos grupos sociais da Amazônia brasileira, especialmente dos povos indígenas. A festa acontece anualmente, no último final de semana do mês de julho, desde 1995, numa arena chamada Tribódromo, tendo como protagonistas os grupos folclóricos: Povo Indígena Munduruku e Povo Indígena Muirapinima.

Este livro, materializamos as memórias e as experiências de pessoas que narram a sua relação com a sua festa e como essa relação contribui para a história do Festibal desde 1983 até 2025.



ISBN 978-65-85733-85-4



9 786585 733854 >